

**A SÓBRIA**  
*embriaguez do*  
**ESPÍRITO**

**RANIERO CANTALAMESSA, O.F.M. CAP.**

## CAPÍTULO 1

### "BEBAMOS, ALEGRES, A SÓBRIA PROFUSÃO DO ESPÍRITO"<sup>(1)</sup>

No dia seguinte ao Pentecostes de 1975, por ocasião do encerramento do Congresso Mundial da Renovação Carismática na Igreja Católica, o Sumo Pontífice Paulo VI dirigiu aos dez mil participantes reunidos na Basílica de São Pedro um discurso que continua até hoje, para a Renovação, o documento mais importante quando se pretende saber o que a hierarquia da Igreja pensa sobre ela e o que espera dela. Terminada a leitura do discurso oficial, o papa acrescentou de improviso estas palavras: “No hino que lemos hoje de manhã no breviário e que remonta a Santo Ambrósio, no século IV, há a seguinte frase difícil de traduzir, embora muito simples: *Laeti*, que significa alegres; *bibamus*, que significa *bebamos*; *sobriam*, que significa *bem definida e moderada*; *profusionem Spiritus*, ou seja, a abundância do Espírito. ‘*Laeti bibamus sobriam profusionem Spiritus*’. Poderia ser o lema impresso em vosso movimento: um programa e uma marca do próprio movimento”.

A Igreja nos traçou, portanto, pela boca de seu pastor supremo, um programa. Não podemos suprimir dele nem

---

<sup>(1)</sup> Alocução durante a I Convocação Nacional da Renovação no Espírito Santo, Rimini, 29 de abril – 1 de maio de 1978.

uma só palavra; pelo contrário, devemos descobrir todo o seu conteúdo. Especialmente o conteúdo daquela palavra latina que fala de uma sóbria profusão do Espírito.

### **A “sóbria embriaguez” nos Padres**

O papa nos indicou de onde ele próprio extraía aquele programa: de Santo Ambrósio, ou seja, dos Padres, que constituem aquela mina inesgotável que é a Tradição viva da Igreja. Agora, eu gostaria de levar-vos comigo àquela mesma mina da Tradição a fim de descobrir o que queriam dizer os Padres da Igreja quando falavam de “sóbria embriaguez do Espírito”. Em primeiro lugar, trata-se – perguntamo-nos – do pensamento de um bispo isolado ou é algo que vai além?

Ao procurar uma resposta para essa questão, descobri algo impressionante. Houve um momento na vida da Igreja – por volta do século um – em que toda a cristandade experimentou a experiência de uma embriaguez espiritual, um embebedamento de Espírito Santo, mas veremos que tipo de embebedamento. Algumas vozes desse coro já nos ajudarão a compreender o que o papa quis sugerir-nos com aquelas palavras.

Jerusalém, ano 348: o bispo do local, Cirilo, tecendo comentários sobre a narrativa de Pentecostes aos catecúmenos, tendo chegado às palavras de Pedro: “*Estes homens não estão bêbados como suspeitais*” (At 2, 15), diz: “Não estão bêbados no sentido que vocês compreendem. Estão embriagados, sim, mas daquela sóbria embriaguez (*nefálios méthe*) que faz morrer os pecados, vivifica o coração e é oposta ao embriagamento mate-

rial. Esta faz esquecer aquilo que já se sabe; aquela, por outro lado, proporciona a consciência daquilo que antes era desconhecido. Estão embriagados porque beberam o vinho daquela videira espiritual que afirma: *'Eu sou a videira; vós sois os ramos'* (Jo 15, 5)" (São Cirilo de Jerusalém, *Catechesi XVII*, 19).

Esta embriaguez causada pelo Espírito Santo é, pois, um estado em que o homem é purificado dos pecados, tem o coração aceso de fervor e a mente elevada a uma consciência especial de Deus: uma consciência não discursiva, mas intuitiva, quase experimental, acompanhada da doçura interior.

De Jerusalém partimos para Milão. Escutamos nas palavras do papa o verso de um hino de Santo Ambrósio. Não se trata da única vez que o bispo de Milão fala da sóbria embriaguez do Espírito. Pregando aos neófitos, diz: "Todas as vezes que tu bebes, recebes a remissão dos pecados e te inebrias de Espírito. Neste sentido, o Apóstolo diz: *'Não vos embebedeis de vinho: mas sede repletos do Espírito'* (Ef 5, 18). Aquele que se embriaga de vinho cambaleia; mas aquele que se embriaga do Espírito Santo está enraizado em Cristo. É verdadeiramente excelente esta embriaguez que produz a sobriedade da alma!" (*De sacramentis*, V, 3, 17; SC 25, p. 92).

Portanto, temos a mesma experiência também entre os cristãos de Milão: o Espírito Santo abundante nos sacramentos, especialmente na Eucaristia, dá à alma uma espécie de embriaguez que não tem, porém, nada de desordenado e externo; no entanto, arrasta-a para fora de seu ritmo natural, para fora da sua pobreza e impotên-

cia nativas, para um “estado de graça” no qual não há mais espaço para dúvidas, remorsos, introspecções, mas somente para a alegria e a ação de graças. A alma está “radicada” em Cristo.

Mais uma voz da tradição, a de Santo Agostinho: “O Espírito Santo – diz aos neófitos – veio habitar em vós (é o dia de Páscoa e eles tinham acabado de receber o Batismo!); não façais que se distancie; não O excluais nunca de vosso coração. Ele é um bom hóspede: encontrou-vos vazios e preencheu-vos; encontrou-vos famintos e saciou-vos; encontrou-vos sedentos e inebriou-vos. Seja Ele que vos inebrie verdadeiramente! Diz o Apóstolo: ‘Não vos embebedeis de vinho que leva à luxúria’. Então, como que para inculcar em nós de que coisa devemos embriagar-nos, acrescenta: ‘Mas sede repletos do Espírito Santo, entretendo-vos com hinos, salmos, cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor com todo o vosso coração’ (cfr. Ef 5, 18ss). Quem se alegra no Senhor e canta a Ele com grande exultação não se assemelha talvez a alguém que esteja embriagado? Deleita-me esta embriaguez... O Espírito de Deus é bebida e é luz” (*Sermo 225*; PL 38, 1098).

Santo Agostinho se pergunta por que as Escrituras nunca recorreram a uma imagem tão ousada como a da embriaguez, e responde: é porque só o estado do homem que bebeu até perder a razão pode dar uma ideia – embora negativa – do que acontece na mente humana quando recebe a inefável alegria do Espírito Santo; ela quase desfalece e se torna divina, embriagando-se da abundância da casa de Deus, isto é, pregustando algo da doçura da Jerusalém celeste (cfr. *Enarr. in Ps.* 35,

14). Na embriaguez espiritual, o homem sai de si mesmo, mas não para viver abaixo de sua razão (como na embriaguez causada por vinho ou droga), mas para viver acima dela, na luz de Deus.

Essas poucas mostras no campo da Tradição são suficientes para dar-nos uma ideia de como se concebia naquele tempo a vida cristã, e não – se prestarem bastante atenção – a vida de alguns privilegiados, os místicos, mas de todos os batizados (trata-se normalmente de coisas ditas aos catecúmenos e aos neófitos!). Estamos claramente diante de um cristianismo carismático que crê firmemente, com todo o Novo Testamento, que a *graça* é o início da *glória* e que torna possível, por isso, de agora em diante, certa experiência direta de Deus.

Os pastores das igrejas, longe de terem medo desse entusiasmo e de frearem, alimentam-no, tornam-se os seus promotores e guias iluminados. Os historiadores costumam chamar aquele século de “século de ouro” da história da Igreja, mas não parece que se perguntem de onde vinha aquele florescimento extraordinário de gênios na Igreja, aqueles esplendores de doutrina nos escritos dos Padres, aquela insuperável capacidade de ler “espiritualmente” a Escritura, que extraía dela um alimento substancioso de vida para todo o povo de Deus. Tudo isso vinha do fato de que o Espírito Santo naquele momento “circulava” livremente na Igreja, como mel nos favos, para usar uma imagem célebre naqueles tempos; não Lhe estavam ainda traçados percursos obrigatórios (os canais da graça!) com uma rígida institucionalização, com disquisições e quinquilharias, leis e cânones humanos. A confiança da Igreja não estava tanto na efici-

ência de sua organização – no ser uma sociedade perfeita – mas repousava na presença do Espírito Santo em seu meio, ou seja, no ser uma sociedade espiritual, um corpo animado pelo Espírito Santo, ainda que estruturada visivelmente em torno dos bispos.

O reconhecimento pleno e definitivo da divindade do Espírito Santo que se verifica neste período proporciona à Igreja – quase como prêmio – a experiência de um “novo Pentecostes”. Era um tempo em que se podia ouvir um bispo (portanto, não um mero teólogo!) exclamar dirigindo-se ao seu povo: “Por quanto tempo ainda manteremos a grande tocha escondida sob o alqueire? É hora de colocar a lâmpada (o Espírito Santo!) no candelabro para que ilumine todas as igrejas, todas as almas, em todo o mundo” (Gregório Nazianzeno, *Oratio* 12, 6; PG 35,846). Depois dessas palavras, passaram-se somente alguns anos e, no Concílio Ecumênico de Constantinopla em 381, a profissão de fé na plena divindade do Espírito Santo entrava finalmente no “Credo”: a grande lâmpada estava colocada no candelabro mais alto da Igreja.

Não faltavam as misérias humanas nem mesmo naquela época; elas eram muitas e também graves: havia heresias, controvérsias entre uma igreja e outra, pequenos cismas, mas não eram capazes de deter a obra de Deus, nem de fazer a Igreja retrair-se. Todas essas coisas, a Igreja – para usar as palavras de São Paulo – superava, graças Àquele que a confortava, ou seja, dava-lhe força e consolo, e este era justamente o Espírito Santo. No centro da Igreja havia uma espécie de vulcão aceso que com os seus fluxos de lava incandescente purificava e lançava fora tudo, não permitindo que se arraigasse

por muito tempo em suas encostas a erva daninha criada pelos pecados dos homens.

Apresentando-nos o ideal de uma sóbria embriaguez, portanto, é como se o chefe supremo da Igreja nos tivesse pedido – a nós e a todos os cristãos – que fizéssemos reviver no Cristianismo de hoje uma experiência de entusiasmo espiritual semelhante àquela que fez do século IV o “século de ouro” de sua história.

### ***A sobriedade espiritual no Novo Testamento***

Os Padres da Igreja nos falaram até agora da “embriaguez”, mas não nos disseram muito sobre o que tinham em mente com o adjetivo “sóbria”. Por esse motivo, remetiam às Escrituras, nas quais se fala com frequência da virtude da sobriedade. Para eles era claro o que significava uma embriaguez sóbria: falavam ainda a mesma linguagem da Bíblia; os termos ainda mantinham com eles o mesmo significado que tinham em Paulo. Para nós, não é mais assim; nós perdemos o sentido daquele complexo de comportamentos que a Bíblia chamava de “sobriedade”; esta palavra reduziu-se a indicar uma vaga moderação no falar ou no beber. Por isso, devemos redescobri-lo e o redescobriremos, com a ajuda do próprio Espírito Santo, interrogando o Novo Testamento.

“Sóbrio” (*sófron*), na língua grega, significava simplesmente “de sentimento sadio e íntegro” ou “sensato”. Na Bíblia, porém, passa a significar algo bem mais elevado do que a mera sensatez, o equilíbrio natural e o domínio de si mesmo. Paulo, na Epístola aos Romanos, diz: “*Não*

*aspireis (fronúntes) a coisas muito altas, mas inclinai-vos às humildes; não façais de vós mesmos uma ideia muito elevada (frónimoi)”* (Rm 12, 16). Ser sóbrio, neste texto, equivale a ser humilde, a não exaltar-se, a não perder o senso do próprio limite e da própria realidade; a não esquecer que tudo é dom e que o homem não tem nada de bom que não tenha recebido (cfr. 1 Co 4, 7), e para aquele “*que se gloria, glorie-se no Senhor*” (1 Cor 1, 31).

Em outro texto, esse discurso sobre a sobriedade é feito por Paulo exatamente nos confrontos com os “pneumáticos”, isto é, os carismáticos, que, no entusiasmo do Espírito e das suas manifestações poderosas, pretendiam deixar-se ir em direção a certo quietismo ou à superficialidade, negligenciando a responsabilidade ativa na comunidade. Diz: “*De fato, se ficamos arrebatados fora dos sentidos (eis a embriaguez, ou o êxtase espiritual!), é por Deus; e se raciocinamos sensatamente (eis a sobriedade!), é por vós. Pois, o amor de Cristo nos constrange, considerando que, se um só morreu por todos, logo todos morreram. Sim, ele morreu por todos, a fim de que os que vivem já não vivam mais só para si próprios, mas para Aquele que por eles morreu e ressurgiu.*” (2 Cor 5, 13ss).

O que quer dizer o Apóstolo com essas palavras? Que no Cristianismo a embriaguez espiritual, com Deus na oração, deve traduzir-se no compromisso efetivo e cheio de caridade para com os irmãos. Caso contrário, é suspeita. Também ele conhece o entusiasmo de falar em línguas (ele mesmo fala em línguas, conforme diz, mais do que todos os outros), de profetizar, conhece o êxtase até o terceiro céu; mas sabe que não pode gloriar-se dessas coisas (são “dons” de Deus cuja iniciativa e mérito de-

vemos deixar para Ele), e sim somente da cruz (cfr. Gal 6, 14), ou seja, do fato de não mais viver para si mesmo, mas para os outros, como Jesus. Entoa, assim, aquele hino do qual não se deve nunca esquecer: *“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, mas não tivesse a caridade...”* (1 Cor 13, 1-13).

Encontramos um último significado da palavra “sobriedade” nas epístolas pastorais que se refere à pureza, ou seja, a santidade da vida afetiva e sexual. Uma vida casta, transparente, em acordo com o estado de vida em que cada um se encontra, deve ser o reflexo natural de uma vida no Espírito, deve demonstrar, dizem esses escritos, “a beleza” da vocação cristã. Para os anciãos, trata-se de uma sobriedade que é dignidade e moderação, por exemplo, no beber (cfr. Tt 2, 2); às jovens casadas há pouco tempo recomenda-se uma castidade que se exprima no amor e na fidelidade ao marido e aos filhos (Tt 2, 4ss); dos jovens ainda não casados exige-se uma sobriedade que é a capacidade de dominar as paixões e viver de um modo digno da fé (cfr. Tt 2, 6). Justamente nas cartas pastorais encontramos aquela expressão tão densa de significado: “Deus não nos deu um Espírito de timidez, mas de força, de amor e de sobriedade” (cfr. 2 Tm 1, 7). Portanto, um Espírito de coragem e de entusiasmo, que se exprime, porém, na caridade fraterna e na sobriedade. Este é o “Espírito de adoção” (cfr. Rm 8, 15)!

O que é, pois, pergunta-nos neste momento, aquela famosa “embriaguez sóbria” do Espírito? Respondemo-lo: é um estado em que o homem se sente possuído e conduzido por Deus; porém, um estado que, em vez de alienar-nos, desviando-nos do compromisso em relação

aos irmãos, conduz-nos a ele, exige-o e, frequentemente, torna-o mais fácil e jubiloso. Para usar um termo mais tradicional: é um entusiasmo (de *entheós* = cheio de Deus), mas um entusiasmo fundamentado na cruz (em que “cruz” indica todas as coisas elencadas acima: humildade, caridade e castidade), livre, portanto, daquelas reservas que a palavra “entusiasmo” sempre suscitou no campo religioso, entre os ciumentos defensores da razão, da eficiência e da justa medida.

Eis, em síntese, o que os Padres da Igreja inculcavam nos cristãos de seu tempo e o papa inculca em nós, cristãos de hoje: um entusiasmo, mas um entusiasmo fundamentado na cruz e que se alimenta da cruz.

### ***Como nos tornarmos espirituais***

Estamos certos de que é realmente isso que dizem as Escrituras? Estamos seguros de não voltar atrás, de não “apagar o Espírito” atando-O novamente a algo que depende também do homem, como o são a humildade, o serviço recíproco e a castidade?

Sim, não há dúvidas; estamos diante de uma vontade e de um pedido preciso de Deus, entre os mais claros do Novo Testamento. Uma estrada obrigatória; se não se entra nela, não se vai ao encontro de Deus, mas em direção a si mesmo, às próprias fantasias. Vai-se, em outras palavras, à falência espiritual. O dom de Deus, que é o Espírito Santo – justamente porque é dom – exige uma aceitação livre, como o dom nupcial do esposo exige o “sim” livre da esposa; mas, o sim do homem nunca é verdadeiro e profundo enquanto não tiver sido pronun-

ciado na cruz. A aposta, como se vê, é séria; decide-se aqui se este movimento coletivo, que permeia o povo de Deus para uma profunda renovação espiritual, acabará, no tocante a nós, em um fogo fátuo (como o de tantos movimentos “iluminados e carismáticos” do passado), ou se, em vez disso, se enraizará e renovará verdadeiramente os cristãos, como aconteceu naquele “século de ouro” que mencionamos no início.

Não se trata de renunciar a nada: nem aos cantos, nem ao levantar das mãos, nem ao falar em línguas, quando o Senhor o concede (e se é Ele que o concede), nem à alegria, nem ao entusiasmo; trata-se unicamente de não “nos envaidecermos” destas coisas, de não nos limitarmos a elas, de não concentrar nelas toda a atenção, de não considerarmos-las como uma brisa que se recebe no rosto para deixar-se acariciar, mas um vento impetuoso que enche as velas para que o barco (nosso e da Igreja) avance com força e coragem, arrastando atrás de si o mundo extraviado e sem esperança.

Ora, eu dizia que é preciso interrogar as Escrituras uma segunda vez. Interrogá-la justamente sobre este ponto: por que o nosso entusiasmo deve passar necessariamente pela cruz da humildade, da caridade fraterna e da pureza?

A resposta de todo o Novo Testamento é: porque Jesus Cristo chegou desta forma à glória da ressurreição e à vida “segundo o Espírito”, ou seja, passando pela sua cruz. Ele foi “*enviado à morte na carne, mas permaneceu vivo no Espírito*” (1 Pd 3, 18). “*Não era necessário que o Cristo suportasse esses sofrimentos para entrar*

*em sua glória?*”, disse Ele próprio aos dois discípulos de Emaús (Lc 24, 26). Nós proclamamos que “Jesus é o Senhor”; depois do Congresso de Kansas City do ano passado, esta proclamação, feita “em Espírito e poder”, está revelando-se a alma da Renovação, a sua maior força. Mas devemos ter bem claro em mente que o Jesus que, com Paulo (cfr. Fl 2, 11), proclamamos como “Senhor”, não é um Jesus qualquer, um Jesus “dulcificado”, um Jesus “pó de arroz”; mas é sim o Jesus Crucificado! É este Jesus, não outro, que o Pai nos dá como Senhor.

Na vida de Jesus, a cruz não foi meramente o lenho sobre o qual foi pendurado no fim de tudo. “Toda a vida de Jesus – diz com razão a *Imitação de Cristo* – foi cruz e martírio”; toda a sua vida de humildade e de obediência ao Pai, todo o seu fazer-se “servo” dos homens (cfr. Mc 10, 45; Jo 13, 13ss), o seu anunciar a Boa Nova concretizou a cruz. Para cumprir essas coisas, Jesus recebeu durante a vida o Espírito Santo (cfr. Lc 4, 18ss) e pelo cumprimento fiel de todas essas coisas logrou tornar-se Ele próprio, na ressurreição, “*Espírito vivificante*” (1 Co 15, 45) e o outorgador do Espírito à Igreja.

Ora, não se chega ao Pentecostes de outra forma se não passando pela Páscoa. É comovente ver como, imediatamente após a Páscoa, a comunidade cristã é induzida a voltar para Jesus, a redescobri-Lo, a recolher as suas palavras e memórias. Não existe “pentecostalismo” sadio e católico, ou simplesmente cristão, que não seja também “evangelismo”, ou seja, necessidade de conhecer e imitar a Cristo, o Cristo concreto dos Evangelhos. O Espírito Santo é dado somente àqueles que se assemelham a Jesus e por assemelharem-se a Jesus.

Como fazer para tornar-se semelhante a Jesus? Outra resposta unânime de todo o Novo Testamento: mortificar-se segundo a carne, para viver segundo o Espírito, sendo que “carne” significa o homem velho, egoísta, inclinado ao mal e às concupiscências; o homem que se encontra em estado de resistência a Deus e de rendição ao mundo. *“Aqueles que são de Cristo Jesus crucificaram a própria carne com as suas paixões e os seus desejos. Se, portanto, vivemos do Espírito, caminhamos também segundo o Espírito”* (Gl 5, 24ss). *“Se mediante o Espírito fizerdes morrer as obras da carne, vivereis”* (cfr. Rm 8, 13). Como no tempo de Elias (cfr. 1 Rs 18, 38), o fogo que desce do céu não pouisa senão onde encontra a lenha pronta para o holocausto!

O que é essa morte de que se fala? Não é nada de lúgubre e triste, mas um “ser parido” à verdadeira vida; um “nascer de novo”, como dizia Jesus a Nicodemos; mais concretamente, com as palavras de Paulo, significa não viver mais só para si mesmo, mas viver segundo a forma do Cristo ressurreto, ou seja, abrindo-se aos outros, na humildade, obediência, caridade e serviço fraterno: enfim, a todas as coisas que já ouvimos elencadas quando, acima, nos perguntávamos o sentido da palavra “sobriedade” no Novo Testamento.

A tradição da Igreja, que nos deu sobre este ponto aquela luminosa doutrina recordada no início, oferece-nos também exemplos concretos de homens que, em sua vida, viveram o ideal da “sóbria embriaguez” que agora é proposto novamente para nós. Penso em um Santo Inácio de Antioquia, que vai ao encontro do martírio e escreve aos irmãos de Roma exortando que não dessem

nenhum passo no sentido de impedir sua morte, dizendo: “É belo desaparecer para o mundo para ressurgir em Deus. Sou trigo de Deus; devo ser moído pelos dentes das feras para tornar-me pão puro de Cristo. Agora começo a ser verdadeiro discípulo; deixai que eu imite a paixão do meu Deus; deixai que eu alcance a luz pura... Meus anseios terrenos (as obras da carne!) foram crucificados; não há mais em mim ardor pelas coisas materiais. A água viva (isto é, o Espírito!) que fala em mim me diz: ‘Vem ao Pai!’” (as mesmas palavras que, no Apocalipse, o Espírito diz à Esposa!).

É isso, esta que escutamos é certamente embriaguez espiritual, é voz de um verdadeiro carismático, mas é uma embriaguez que dá coragem até ao martírio; é loucura, mas “loucura da cruz” (cfr. 1 Co 1, 18), isto é, a única loucura que se pode atribuir ao Espírito Santo e tem direito de cidadania na Igreja.

Penso também em São Francisco que, em viagem a Assis, no inverno, descalço, meio congelado por causa do frio, explica ao irmão Leão onde fica a “perfeita alegria” e diz que ela não se encontra no fazer milagres e no ressuscitar mortos; não se encontra no profetizar e no falar todas as línguas; mas se encontra no estar pronto a receber todas as injustiças dos irmãos do convento de quem são providas, conservando a caridade mesmo diante da ofensa, e isso – explica – porque “acima de todas as graças e dons do Espírito Santo está o de vencer a si mesmo com alegria, por amor de Cristo, suportar com prazer as penas, as injustiças e os dissabores” (*Fioretti*, c. 8). Bastaria, neste supracitado *fioretto* de São Francisco, ler “renovação no Espírito” no lugar onde está escrito

“perfeita alegria”, para saber onde se encontra, e onde não se encontra a perfeita renovação.

O segredo da renovação (que, ademais, é o mesmo segredo da santidade) está, portanto, no equilíbrio entre o entusiasmo, ou abandono à ação do Espírito, e o empenho pessoal ativo; não no sentido de retirar de um o que se dá ao outro, mas no sentido de que um deve alimentar o outro, a prioridade dependendo naturalmente sempre da iniciativa de Deus. O vinho da cruz é o único que proporciona a embriaguez do Espírito!

### ***Visão para a Renovação***

Das palavras do papa mencionadas no início e do aprofundamento que fizemos delas através da Bíblia, dimana uma “visão” para o futuro da Renovação. Trata-se da seguinte: a Renovação deve passar da fase da primeira, e compreensível, embriaguez à da sobriedade; ou melhor, à da sóbria embriaguez. Ao lado da oração espontânea e criativa, dos cantos, das línguas e da alegria de estar juntos como irmãos e de sorver o leite puro da Palavra de Deus, deve ser adicionado um empenho cada vez mais firme para a construção do reino de Deus em nós e na Igreja; em outras palavras, para “crescer”. “Crescer” deve tornar-se a palavra de ordem que se deve levar para casa após esta Convenção. “Crescer em direção à cabeça, que é Cristo”, como o diz o Apóstolo (cfr. Ef 4, 15).

Certo dia desenvolveu-se entre Jesus e alguns discípulos o seguinte diálogo:

*Discípulos:* “Concede-nos sentar em tua glória um à tua direita e outro à tua esquerda”.

*Jesus:* “Podeis beber o cálice que eu bebo e receber o batismo com que sou batizado?”.

*Discípulos:* “Podemos”.

*Jesus:* “O cálice que eu bebo também vós o bebereis e o batismo que eu recebo também vós o recebereis” (cfr. Mc 10, 37-39).

Esse diálogo – bem como todos aqueles em que Jesus está envolvido – não terminou, mas está sempre em curso. A todo discípulo que – como o fazemos também nós – pede a ele para poder estar-lhe ao seu lado na glória e na alegria de seu espírito, Jesus indica com amor o caminho: beber o seu cálice e receber o seu batismo (o batismo que Ele mesmo recebeu!). Devemos, por conseguinte, descobrir de qual direção o Espírito chama hoje os discípulos de Jesus, e para lá encaminhar-nos corajosamente. Escutar “*aquilo que o Espírito diz às Igrejas*” (Ap 2, 7), porque Ele diz, ou melhor, recorda as mesmas coisas ditas por Jesus: “Se alguém quer ser meu discípulo...”. Eis algumas exigências do “seguir a Cristo” que Ele, em particular, nos recorda.

Primeira exigência: *uma vida pessoal santa*, especialmente no âmbito da vida sexual, cuja relevância no crescimento (ou no não crescimento) espiritual se subestima em nossos dias. Testemunhar que Jesus é o Senhor da nossa vida até mesmo neste nível mais íntimo e frequentemente mais escondido, em que – como disse certo autor – mais cotidiana é a batalha e mais difícil a vitória. Viver a pureza como dom, como carisma, mas vivê-la! Ousaria dizer: parar de frequentar os grupos de oração (ou convencer a deixar de frequentá-los), se depois de

um significativo tempo, continua-se a cair com facilidade e quase sem nenhum sofrimento espiritual em graves desordens neste campo e se se violam com frequência as exigências do próprio estado (qualquer que seja, ou noivado, ou casamento, ou celibato). De uma pessoa desse tipo, da comunidade de Corinto, Paulo escreveu: “Arancai este sujeito do meio de vós; não sabeis que um pouco de fermento faz fermentar toda a massa?” (cfr. 1 Cor 5, 6). Quando se acende uma luz na noite, há sempre o perigo de atrair os mosquitos, disse em determinada ocasião o cardeal Suenens, durante uma entrevista sobre a Renovação. Em torno da Renovação giram ainda muitos mosquitos; eles podem fazer muito mal à obra do Espírito, sobretudo se não têm nem sequer boa-fé.

Segunda exigência: *a humildade*, particularmente aquela forma de humildade que combate a tentação de apossar-se da obra de Deus, de querer estar sempre no ponto em que a ação do Espírito é mais evidente; a humildade que mantém o serviço “a serviço” dos irmãos, impedindo que ele volte a ser insensivelmente um poder ou um domínio sobre os irmãos; a humildade que causa o temor de que alguém se vincule a nós, esquecendo-se de que um só é o nosso Mestre e que nós somos todos irmãos; todas essas coisas fazem brotar os partidos: (“Eu sou de Apolo; eu, de Pedro; eu, de Paulo”, cfr. 1 Cor 1, 12).

Terceira exigência: *a caridade fraterna* dentro do grupo, mas não só nele; em casa, no trabalho, em todos os lugares; não uma caridade qualquer, mas aquela de que fala São Paulo no contexto dos carismas e que afirma ser paciente, benigna, sem inveja, sem presunção; que tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta

(cfr. 1 Cor 13, 4, 7).

Na linha de tal caridade, dedicação e atenção para com os pobres, especialmente para com aqueles pobres com os quais Jesus mais se importava e dos quais hoje quase ninguém cuida, a saber, os oprimidos pelas diversas formas de escravidão do pecado e do demônio, os rejeitados, os espíritos abatidos, os que são mais pobres de esperança do que de coisas.

Sempre na linha da caridade, *o serviço eclesial*: colocar-se, onde quer que seja solicitado ou meramente possível, a serviço dos párocos, das obras da Igreja; que não sejam, porém, somente certas obras paroquiais (o cinema, as excursões, o oratório), para as quais geralmente se oferece o tempo que sobra, mas obras verdadeiramente espirituais que tocam a verdadeira vida da comunidade: como a evangelização, a catequese, a oração, a animação litúrgica e o serviço aos pobres. Em uma palavra, participar ativamente da “missão” da Igreja.

Da embriaguez “por Deus” – como a chamava Paulo – se deve poder passar com naturalidade à “sobriedade pelos irmãos”, ou seja, a um estado de vigilância em que se têm os olhos e os ouvidos bem abertos para detectar a necessidade do irmão.

Onde os sinais do Espírito parecem mostrá-lo como possível, dever-se-ia pensar em dar vida a *comunidades cristãs novas nas* quais, em plena comunhão com os bispos e com sua aprovação, se possa viver a Renovação com toda a sua riqueza e força. A comunidade tem sido sempre o instrumento de que o Espírito tem se servido para operar as grandes renovações na história da Igreja

(no século IV, com as comunidades monásticas; na Idade Média, com as fraternidades mendicantes, franciscanas e dominicanas; depois da Reforma, com as comunidades militantes dos jesuítas). Para que isso aconteça, é preciso rezar para que “se renovem” muitos pastores, párocos e superiores de casas religiosas, porque, antes ainda de criar comunidades novas, talvez o Espírito deseje renovar as “velhas” já existentes, novamente dar vida aos “ossos secos” espalhados na Igreja. A comunidade deve ser hoje o candelabro em que se coloca a grande lâmpada que é o Espírito Santo, “*para que ilumine todos os que estão na casa*” (Mt 5, 15); já foi posto no candelabro do “Credo”, mas não é mais o suficiente!

Nós já somos – em nível nacional, de grupo e, em certos lugares, também em nível municipal – uma comunidade, ainda que uma comunidade espiritual e não jurídica. Compartilhamos, com efeito, tantas coisas, sentimo-nos unidos por vínculos profundos de caridade e, acima de tudo, esperamos ter entre nós a presença do Espírito Santo que é Ele próprio - tanto na Igreja quanto na Trindade - o vínculo de paz e o júbilo da comunhão.

No entanto, não é desta comunidade, ou daquelas que esperamos que nasçam que fazemos depender o nosso sentir-se Igreja. A nossa comunidade fundamentalmente já existe e é a Igreja Católica. Sentimo-nos parte viva dela, embora parte indigna. Nós não queremos ser “igrejola”, mas Igreja! Sei de irmãos que sofrem e se acham sob uma verdadeira provação por causa da desconfiança ou da rejeição que encontram em alguns ambientes eclesiais. Gostaria de dizer-lhes que permaneçam serenos; nós não somos crianças abandonadas; sim, éramos

crianças abandonadas, mas agora nos tornamos filhos de Deus e, portanto, da Igreja; éramos um não-povo, mas agora somos povo de Deus; aquele povo sacerdotal e profético que Deus chamou das trevas para a luz a fim de que anuncie suas obras maravilhosas (cfr. 1 Pd 2, 9ss). Temos um teto, uma casa e um seio: o da Santa Mãe Igreja; uma mãe não pode repelir aquele que quer agarrar-se na barra de sua veste. Devemos aninhar-nos no seio da Igreja; aí é o lugar de quem procura o Espírito Santo. Devemos dizer da Igreja o que Jó (segundo a antiga versão da Bíblia) dizia de Deus: “Ainda que me matasse, continuarei a recorrer a Ele” (cfr. Jó 13, 15).

Mas não nos matará, estejamos certos disso; pelo contrário, far-nos-á viver, se somente demonstrarmos que aceitamos, com entusiasmo, a “cruz”. A Igreja é como uma superfície d’água, um mar; ela possui, como a água, a maravilhosa capacidade de “pesar” os objetos que caem dentro dela: os “materiais” e os que pesam, vão inexoravelmente para o fundo; mas os leves, os vazios de si, ou seja, os humildes, não irão para o fundo. Se essa “coisa” for do Espírito Santo, flutuará na Igreja.

Tudo o que devemos fazer é amar a Igreja e estar dispostos a sofrer e a morrer por ela. Mas ninguém pode “apagar o Espírito”, ou sufocar os carismas autênticos, para agradar alguém, mesmo que fosse a hierarquia da Igreja. Ademais, não é o que quer a hierarquia; ela quer conhecer como somos e qual é o nosso propósito. Depois, quando lhe parecer oportuno, julgará e, então, deveremos obedecer. É assim que sempre nascem as novas realidades e espirituais na história da Igreja.

É esse o caminho que nos traçou o Pastor supremo da Igreja, o qual nos recomendou, sim, a sobriedade, mas na embriaguez; sim, a cruz, mas no entusiasmo. “Laeti bibamus sobriam profusionem Spiritus”, disse-nos. Bebamos com alegria a sóbria embriaguez do Espírito.